


Teju Cole

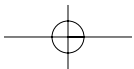
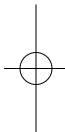
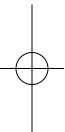
Cidade Aberta

Tradução de Helder Moura Pereira

 QUETZAL serpente emplumada | Teju Cole

PARTE 1

A morte é um aperfeiçoamento da visão



UM



E PORTANTO, QUANDO COMECEI OS MEUS PASSEIOS à noite no outono passado, achei que Morningside Heights era um bom sítio para partir à descoberta da cidade. O caminho que vai da Catedral de St. John the Divine até ao Central Park, atravessando Morningside Park, demora apenas quinze minutos. Na direção oposta, para ocidente, leva-se cerca de dez minutos a chegar a Sakura Park e caminhando mais para norte chega-se a Harlem, ao longo do Hudson, embora o tráfego torne inaudível o rio por trás das árvores. Estes passeios, um contraponto aos dias atarefados que passava no hospital, foram aumentando gradualmente, sempre um pouco mais longe de cada vez, de tal forma que, já noite cerrada, dava por mim muitas vezes a uma distância considerável de casa e tinha de regressar de metro. E foi assim que, no início do meu último ano como bolseiro de psiquiatria, Nova Iorque se foi entranhando na minha vida ao ritmo dos meus passos.

Não muito tempo antes das minhas deambulações ao acaso, eu adquirira o hábito de observar da minha janela as migrações das aves e agora pergunto-me se as duas coisas não estariam ligadas. Nos dias em que vinha do hospital mais cedo para casa, punha-me a olhar da janela como alguém que estivesse a assistir a um auspício, na esperança de ver o milagre das migrações naturais. De cada vez que vislumbrava no céu gansos em formação ordenada, ficava a pensar em como seria a nossa vida na sua perspectiva e imaginava que, se por acaso se dessem ao trabalho de especular

acerca do assunto, os arranha-céus lhes deviam parecer todos aglomerados num único bosque. Muitas vezes, quando olhava para o céu, apenas via chuva ou o rasto vago de um avião de um canto ao outro da janela e havia uma parte de mim que punha em dúvida que essas aves de asas e pescoço escuros, corpos mais claros e corações pequenos e incansáveis, existissem mesmo. Isso confundia-me ao ponto de nem sequer confiar na minha memória mesmo quando não estavam lá.

De tempos a tempos passavam pombos a voar, e também pardais, carriças, oriolos, tangarases e andorinhões, embora fosse quase impossível identificá-los só pela observação daqueles pontos minúsculos, desgarrados e sem cor definida, deslocando-se no céu. Enquanto esperava pelo aparecimento raro dos gansos, ficava por vezes a ouvir rádio. Evitava quase sempre as estações americanas, que tinham demasiados anúncios para o meu gosto – Beethoven seguido de blusões de esquí, Wagner depois do queijo artesanal – e sintonizava na internet estações do Canadá, da Alemanha e da Holanda. E apesar de muitas vezes não ser capaz de perceber o que os locutores diziam, dado que tinha um conhecimento reduzido das línguas, a verdade é que passavam música que se adequava perfeitamente ao meu estado de espírito àquelas horas da noite. A maior parte da música era-me familiar, uma vez que eu era desde há catorze anos um ávido ouvinte de música clássica na rádio, mas alguma dela era nova. Houve também raros momentos de maravilhamento, como da primeira vez que ouvi, numa estação que emitia a partir de Hamburgo, uma encantadora peça para orquestra e saxofone alto de Shchedrin (ou talvez fosse de Ysaÿe) que até agora ainda não consegui identificar.

Eu gostava do murmúrio dos locutores, do som daquelas vozes a falar calmamente a milhares de quilómetros de distância. Baixei o som das colunas do computador, aninhado no conforto que aquelas vozes me proporcionavam, e não me foi difícil estabelecer uma comparação entre mim mesmo, no meu acanhado apartamento, e o locutor ou locutora na sua cabina, ao longo do que devia ser o meio da noite algures na Europa. Essas vozes, somente

vozes sem corpo, estiveram e estão ainda hoje relacionadas com a aparição dos gansos migratórios. Diga-se em abono da verdade que não vi as migrações senão por três ou quatro vezes, ao todo: na maior parte dos dias apenas podia ver as cores do céu ao crepúsculo, os seus azuis de esmalte e os seus farrapos vermelhos e acastanhados a pouco e pouco a cederem perante a sombra que se ia adensando. Quando ficava mesmo escuro, pegava num livro e lia à luz de um velho candeeiro de secretária que tinha resgatado de um dos contentores do lixo da universidade; a lâmpada estava coberta com uma campânula de vidro que refletia uma luz esverdeada sobre as minhas mãos, o livro nos meus joelhos e a capa coçada do sofá. Às vezes chegava a dizer em voz alta passagens do livro e ao fazê-lo reparava como era estranho ouvir a minha própria voz misturada com o murmúrio dos locutores de rádio franceses, alemães e holandeses ou com as finas texturas das cordas dos violinos das orquestras, tudo isso intensificado pelo facto de, fosse o que fosse que eu estivesse a ler, parecer também traduzido de uma dessas línguas europeias. Nesse outono, eu passava constantemente de um livro para outro. *A Câmara Clara*, de Barthes, *Telegrams of the Soul*, de Peter Altenberg e *The Last Friend*, de Tahar Ben Jelloun, entre outros.

Nessa fuga sónica voltei a lembrar-me de Santo Agostinho e do seu espanto para com Santo Ambrósio, que constava ter encontrado uma maneira de ler sem dizer as palavras em voz alta. É realmente extraordinário – ainda hoje me impressiona tanto como nesse tempo – que possamos compreender palavras sem as pronunciarmos. Para Santo Agostinho, o peso e a vida interior das frases sentia-se melhor se ditas em voz alta, mas muita coisa mudou desde então. Ensinaram-nos durante demasiado tempo que um homem a falar sozinho é sinal de excentricidade ou de loucura; deixámos de estar habituados à nossa própria voz, a não ser em conversa ou no meio de uma multidão aos gritos. Mas um livro também suscita conversa: uma pessoa está a falar com outra e o som audível é natural, ou devia ser, na troca que se produz. É por

isso que leio em voz alta, sou o espectador de mim mesmo e dou voz a palavras de outros.

De resto, estas noites pouco habituais passavam tranquilamente e eu adormecia ali mesmo no sofá, arrastando-me para a cama muito mais tarde a meio da noite, quase sempre à mesma hora. Depois, passados não mais do que me pareciam ser dois minutos de sono, acordava sobressaltado com o zumbido do alarme do telemóvel que disparava um arranjo bizarro de «O Tannenbaum» em ritmo de marimbas. Nestes primeiros momentos de consciência, com o súbito brilho da luz da manhã, a minha mente girava em círculos, lembrando-se de fragmentos de sonhos ou partes de livros que tinha estado a ler antes de adormecer. Foi para quebrar a monotonia dessas noites que comecei a dar aqueles passeios dois ou três dias por semana após o trabalho e pelo menos um dos dois dias do fim de semana.

A princípio, impressionou-me o barulho incessante nas ruas, um autêntico choque depois da concentração e da relativa tranquilidade ao longo do dia, como se alguém tivesse alterado a calma de uma silenciosa capela privada com o berreiro de um televisor. Fui avançando por entre multidões de gente às compras, trabalhadores de obras nas ruas e buzinas de táxis. Caminhar pelas zonas mais movimentadas significava ver mais pessoas, na ordem das centenas ou mesmo milhares, do que habitualmente via no decurso de um dia, mas as marcas que em mim deixavam esses rostos não mitigavam o meu sentimento de isolamento; se algum efeito produziam era mais no sentido de o acentuar. Quando comecei com os meus passeios ficava cansado, uma fadiga que já não experimentava desde os primeiros meses de internato, vai para três anos. Certa noite, fui simplesmente andando sem parar, desci toda a Houston Street, um percurso de cerca de onze quilómetros, até perceber em mim um tal estado de desorientação devido ao cansaço que tive de lutar comigo mesmo para me manter em pé. Na noite em que apanhei o metro para casa, em vez de adormecer logo, dei-me na cama, demasiado cansado para me libertar do estado de vigília, e fiquei ali no escuro a rememorar os inúmeros incidentes

acontecidos e as zonas que vi enquanto passeava, fazendo aparecer cada um deles como uma criança a brincar com cubos de madeira e a tentar perceber qual cabia onde, qual correspondia a outro. Cada zona da cidade parecia ser feita de uma substância diferente e possuir uma especificidade psíquica diferente: as luzes brilhantes e as lojas encerradas, os aglomerados de casas e os hotéis de luxo, as escadas de incêndio e os parques da cidade. As minhas saídas fúteis à rua continuaram até começarem a fundir-se umas nas outras e a assumir contornos abstratos, sem relação com a cidade real, e só então a minha mente agitada mostrou alguma piedade e acalmou, só então chegou o sono sem sonhos.

Os passeios vinham ao encontro de uma necessidade: eram uma libertação do ambiente mental que vigorava no trabalho, com as suas regras apertadas, e mal percebi que eram uma boa terapia tornaram-se algo absolutamente normal, ao ponto de me esquecer como era a minha vida antes dessas caminhadas. No trabalho imperava um regime de perfeição e de competência que impedia a improvisação e era intolerante para com o erro. Por mais interessante que fosse o meu projeto – eu orientava um estudo clínico sobre as desordens afetivas na terceira idade –, o grau de por menor exigido era de uma complexidade que excedia em muito tudo o que eu fizera até então. As ruas serviam como um oposito bem-vindo a tudo aquilo. Cada decisão – onde virar à esquerda, quanto tempo ficar parado a ver o pôr do sol sobre Nova Jérсия ou ir a passo largo por entre as sombras no East Side e atravessar em direção a Queens – não tinha consequências de maior e era, por essa razão, um bom indicador da liberdade. Passeava pelos quarteirões como se os estivesse a medir com as minhas passadas e as estações do metro foram recorrentemente atravessadas no decurso das minhas errâncias sem objetivo. A visão de grandes grupos de pessoas a descer apressadamente para os subterrâneos foi sempre uma coisa que achei muito estranha, e eu sentia que era toda a Humanidade que estava com pressa, empurrada por uma pulsão de morte antinatural para catacumbas móveis. À superfície eu estava com milhares de outras pessoas na sua solidão, mas abaixo de

terra, ali de pé junto aos outros, a empurrar e a ser empurrado para ganhar espaço e poder respirar, todos a reconstituir traumas que não reconhecem, essa solidão intensifica-se.

Na manhã de um domingo de novembro, depois de uma deambulação pelas ruas relativamente calmas de Upper West Side, cheguei à enorme e ensolarada praça de Columbus Circle. A zona tinha sido alterada recentemente. Havia agora mais comércio e mais turistas devido aos dois edifícios construídos pela empresa Time Warner no local. Os edifícios, feitos a grande velocidade, tinham acabado de abrir e estavam cheios de lojas que vendiam camisas por medida, fatos com assinatura de autor, joias, acessórios para cozinha *gourmet*, utensílios artesanais em pele e objetos de decoração importados. Nos andares superiores encontravam-se os restaurantes mais caros da cidade, anunciando trufas, caviar, bife de Kobe e «*menus* de degustação» caríssimos. Por cima dos restaurantes havia apartamentos, um dos quais era considerado o lugar para habitar mais caro de toda a cidade. A curiosidade já me tinha levado às lojas do piso térreo uma ou duas vezes, mas o preço dos artigos e o facto de achar que era uma atmosfera demasiado snobe para o meu gosto impedira-me de lá voltar até àquela manhã de domingo.

Era o dia da Maratona de Nova Iorque. Mas eu não me tinha apercebido. E surpreendeu-me ver a praça redonda em frente das torres envidraçadas cheia de gente, uma multidão compacta e expectante amontoando-se junto à meta da maratona. As pessoas alinhavam-se dos dois lados da rua que partia da praça para oriente. Mais perto, mas virado a ocidente, havia um palco onde dois homens afinavam as guitarras, tocando notas argêntas e ajustando-as nos seus amplificadores. Dísticos, letreiros, cartazes, bandeiras e fitas de toda a espécie flutuavam ao vento e a polícia, nos seus cavalos com palas nos olhos, controlava a multidão com cordões, apitos e gestos com os braços. Os polícias estavam de farda azul-escura e óculos de sol. Entre a multidão sobressaíam as cores vivas e encarar os verdes, os vermelhos, os amarelos e os brancos

de todo aquele material sintético a brilhar ao sol devia fazer doer os olhos. Para fugir ao barulho, que estava a ficar cada vez maior, decidi entrar no centro comercial. Além das lojas Armani e Hugo Boss, havia uma livraria no segundo andar. Aí, pensei eu, talvez seja possível encontrar alguma calma e beber um café antes de voltar para casa. Mas a entrada estava cheia de gente que extravasava das ruas e as barreiras tornavam impossível chegar às torres.

Mudei de ideias e decidi visitar um antigo professor que vivia por perto, num apartamento que não ficava a mais de dez minutos a pé desde a parte mais a sul do Central Park. O Professor Saito era, com oitenta e nove anos, a pessoa mais velha que eu conhecia. Tinha-me acolhido sob sua proteção um ano antes de eu acabar o curso na Maxwell. Ele já era jubilado nesse tempo, apesar de continuar a frequentar a universidade diariamente. Deve ter visto algo em mim que o fez pensar que eu podia estar à altura de recolher os seus ensinamentos na sua área específica (literatura inglesa antiga). Neste aspeto, posso dizer que fui uma decepção, mas ele era pessoa de muito bom coração e mesmo depois de eu ter obtido uma classificação fraca no seu seminário sobre Literatura Inglesa antes de Shakespeare, continuou a convidar-me várias vezes para ir ter com ele ao seu gabinete. Ele instalara há pouco uma máquina de café e nós tomávamos café e conversávamos: sobre a interpretação de *Beowulf* e, mais tarde, dos clássicos, sobre o labor infatigável do investigador, sobre as várias recompensas que se obtinham no mundo universitário e sobre os seus estudos imediatamente antes do começo da Segunda Guerra Mundial. Este último tema estava tão longe da minha própria experiência que acabou por tornar-se o mais interessante. A guerra eclodira precisamente quando ele estava a terminar o doutoramento e viu-se então forçado a deixar a Inglaterra e a voltar para a sua família no pacífico Noroeste. E não muito tempo depois foi internado com ela no campo de Minidoka.

Naquelas conversas, como agora as relembro, era quase só ele a falar. Foi com ele que aprendi a arte de saber ouvir e a capacidade de subentender o conteúdo do que é omitido. O Professor Saito

raramente me dizia alguma coisa sobre a sua família, mas do que sobretudo me falava era da sua vida enquanto académico e como tivera de responder às diversas questões que se lhe foram pondo. Tinha feito uma tradução anotada de *Piers Plowman* nos anos 70, o que veio a revelar-se o seu trabalho académico mais notável. Quando mencionava isso referia-se-lhe com uma curiosa mistura de orgulho e decepção. E aludia a um outro seu projeto grandioso (nunca me disse qual) que nunca chegara a concluir. Falava também das políticas do seu departamento. Lembro-me de uma tarde inteira passada à volta das recordações de uma colega sua cujo nome nada significava para mim quando o referiu e de que ainda hoje não me lembro. Essa mulher tornara-se famosa pelo seu ativismo na época dos direitos cívicos e granjeara durante algum tempo uma reputação de tal ordem na universidade que as suas aulas de literatura estavam sempre sobrelotadas. Ele descrevia-a como uma pessoa inteligente e sensível, mas ao mesmo tempo como alguém com quem jamais concordava. Admirava-a sem gostar muito dela. É um mistério, lembro-me de o ouvir dizer, ela era professora de bom nível e estava do lado certo das lutas daquele tempo, mas não a suportava enquanto pessoa. Era áspera e egoísta, Deus a tenha em descanso. Ainda hoje não é possível dizer nada contra ela aqui. Consideram-na uma espécie de santa.

Depois de nos termos tornado amigos, fiz questão de visitar o Professor Saito duas ou três vezes em cada semestre e esses encontros vieram a tornar-se os momentos mais altos dos dois últimos anos que passei na Maxwell. Eu via-o como uma espécie de avô, embora completamente diferente dos meus dois avôs verdadeiros (dos quais só conheci um). Sentia que tinha mais afinidade com ele do que com as pessoas que o acaso fez serem meus parentes. Depois de ter tirado o curso e saído para outras paragens, primeiro para fazer trabalhos de investigação em Cold Spring Harbor e depois na Faculdade de Medicina de Madison, deixámos de contactar um com o outro. Trocámos uma ou duas cartas, mas não era fácil continuar as nossas conversas por essa via, uma vez que as notícias e as suas atualizações não constituíam a substância

verdadeira da nossa interação. Mas depois de ter voltado à cidade para fazer o internato, vi-o várias vezes. A primeira foi completamente por acaso – embora tivesse acontecido num dia em que tinha estado a pensar nele – e deu-se à saída de uma loja de conveniência não muito longe de Central Park South, onde ele tinha ido passear um pouco com a ajuda de uma auxiliar. Mais tarde, apareci sem avisar, como ele me tinha dito para fazer, e verifiquei que ainda mantinha a política de porta aberta que usava no seu gabinete na universidade. A máquina de café que aí tinha encontrava-se agora desligada a um canto. O Professor Saito disse-me que tinha cancro na próstata. Não era inteiramente incapacitante, mas deixara de deslocar-se à universidade e começara a fazer da sua casa o seu quartel-general. Os seus relacionamentos sociais diminuíram de uma forma que lhe deve ter sido dolorosa; o número de convidados a quem podia dar as boas-vindas decaíra drasticamente, ao ponto de a maior parte dos seus visitantes serem agora sobretudo enfermeiras e auxiliares.

Cumprimentei o porteiro no *hall* sombrio e de teto baixo e tomei o elevador para o terceiro andar. Mal entrei no apartamento, o Professor Saito pediu que me aproximasse. Estava sentado no fundo da sala, junto às janelas largas, e fez-me sinal para que me sentasse na cadeira à sua frente. Tinha a visão diminuída, mas o ouvido permanecia tão atento como da primeira vez em que nos encontrámos, tinha ele uns meros setenta e sete anos de idade. Agora, ali enfiado num cadeirão grande e almofadado, atafalhado de cobertores, parecia alguém que entrara já profundamente na segunda infância. Mas não era, de todo, o caso: a sua mente, tal como o seu ouvido, permanecia muito arguta e, quando sorria, as rugas espalhavam-se pelo seu rosto e franziam-lhe a testa, de pele extremamente delicada. Naquela sala, na qual parecia haver sempre a luz suave e fresca que vem do norte, ele estava rodeado pela arte que colecionara ao longo de toda a vida. Algumas máscaras polinésias, dispostas mesmo acima da sua cabeça, formavam uma espécie de halo. A um canto encontrava-se uma figura em tamanho natural de um antepassado papua, com dentes de madeira

colocados um por um e um saio de ervas que mal disfarçava um pênis em ereção. Referindo-se a esta figura, disse o Professor Saito certa vez: adoro os monstros imaginários, os verdadeiros aterrorizam-me.

Das janelas que corriam ao longo desse lado da sala era visível a rua, agora à sombra. Por trás dela situava-se o parque, delimitado por um velho muro em pedra. Ouvi um barulho enorme vindo da rua, precisamente no momento em que tinha entrado, e vi um homem a correr isolado na passagem deixada livre pela multidão. Vestia camisola amarelo-dourada e calçava luvas pretas que pareciam chegar ao cotovelo, como as que usam as senhoras nos jantares de cerimónia, e começara a *sprintar* com redobrada energia, galvanizado pelos incitamentos. Continuava a correr até às últimas forças em direção ao palanque da chegada, à multidão em delírio, à meta e ao sol.

Venha, sente-se, sente-se. O Professor Saito tossiu ao inclinar-se para a cadeira. Então diga-me cá, como é que tem passado? Olhe, eu tenho andado doente; na semana passada foi péssimo, mas agora estou melhor. Com a minha idade, uma pessoa adoce muitas vezes. Mas diga-me, como é que você está, como vai a vida? O barulho lá de fora reapareceu, depois diminuiu. Vi o segundo e o terceiro classificados cruzarem a linha da meta, dois negros. Que-nianos, suponho. É assim todos os anos, desde há quase quinze anos, disse o Professor Saito. Se eu quiser ir à rua no dia da maratona tenho de sair pela porta de trás. Não que possa sair muito hoje em dia, com isto agarrado a mim como a cauda de um cão. Ao instalar-me na cadeira vi que me apontava o saco transparente pendurado numa pequena vara de metal. O saco estava meio cheio de urina e havia um tubo de plástico que o ligava a algo por baixo do aglomerado de cobertores. Alguém me ofereceu dióspiros ontem, uns dióspiros magníficos e bem suculentos. Quer um? Mary! A auxiliar, uma mulher alta, bem constituída, de meia-idade, que era de Santa Lúcia e eu já conhecia de visitas anteriores, surgiu à entrada do corredor. Mary, não se importa de trazer uns dióspiros para o nosso visitante? Eu agora tenho uma certa dificuldade em

mastigar, sabe, Julius, disse ele, depois de ela ter desaparecido na cozinha, de modo que uma coisa tão boa e fácil de arranjar como os dióspiros para mim é excelente. Mas chega de conversa fiada. Como é que você anda? Como vai o trabalho?

A minha presença estimulava-o. Falei-lhe um pouco dos meus passeios e queria contar-lhe mais coisas, mas não encontrei a maneira certa de traduzir o que se estava a passar no território solitário que a minha vida agora atravessava. Optei por lhe contar um dos meus casos mais recentes, que me fora enviado pela pediatria do hospital. Tratava-se de um rapaz de treze anos, filho único de pais cristãos conservadores, da Igreja Pentecostal. Ele estava prestes a iniciar um tratamento contra a leucemia que podia levar a que se tornasse infértil mais tarde. A opinião do pediatra era que se recolhesse e congelasse esperma do rapaz, de modo a que, quando se tornasse homem e casasse, pudesse inseminar artificialmente a mulher e ter filhos. Os pais estavam abertos à ideia de se poder guardar o esperma e nada tinham contra a inseminação artificial, mas, por razões religiosas, opunham-se terminantemente à ideia de permitir que o filho se masturbasse. Não havia qualquer solução cirúrgica séria que resolvesse o dilema. A família tinha dificuldade em lidar com a situação. Conversaram comigo e, depois de algumas sessões e muitas orações da sua parte, decidiram arriscar não terem netos. Não podiam, muito simplesmente, deixar que o filho cometesse aquilo a que chamavam pecado de onanismo.

O Professor Saito abanou a cabeça e eu senti que tinha gostado da história, que os seus contornos estranhos e tristes o tinham divertido – e perturbado – tanto como a mim. As pessoas escolhem, disse ele, e escolhem em nome de outras pessoas. E fora do trabalho, diga-me, o que anda a ler? Sobretudo artigos de medicina, disse eu, e muitas outras coisas interessantes que começo e que, por uma ou outra razão, não chego a acabar. Mal compro um livro já ele me está a recriminar por ir deixar de o ler. Também não ando a ler muito, disse ele, da maneira que os meus olhos estão; mas tenho muita coisa armazenada aqui em cima. E fez um movimento na direção da cabeça. Para dizer a verdade, está completamente cheia.

Rimos e nesse momento Mary trouxe os dióspiros num prato de porcelana. Comi metade de um; era um pouco doce de mais. Mas comi o resto e agradeci-lhe.

Durante a guerra, disse ele, aprendi muitos poemas de cor. Suponho que agora já não se faz isso nas escolas. Durante o tempo em que estive na Maxwell senti que as coisas tinham mudado e que as novas gerações já não ligam muito a isso. Para elas, a memorização é um mero divertimento e só a usam em ocasiões muito especiais; para os seus parentes de há trinta ou quarenta anos, ter aprendido de cor um certo número de poemas estabeleceu uma ligação forte com o fenómeno da poesia. Os alunos dos primeiros anos das faculdades lidavam com um conjunto de matérias com as quais já tinham tido alguma familiarização, antes mesmo de optarem por cursos universitários de Literatura Inglesa. Para mim, nos anos 40, a memorização era um instrumento útil e eu recorria muito a esse método, nem que fosse por não ter a certeza de voltar a pôr os olhos nos meus livros e porque, enfim, não havia muitas coisas para fazer na cidade universitária. Andávamos todos muito confusos em relação ao que estava a acontecer; éramos americanos, pelo menos sempre nos tínhamos considerado como tal, não nos sentíamos japoneses. Foi um confuso tempo de espera, ainda mais duro para os nossos pais, creio eu, do que para nós, crianças, e nesse tempo de espera meti na cabeça partes do *Prelúdio*, os sonetos de Shakespeare e longas passagens de Yeats. Agora já não me recordo exatamente de todas as palavras, já se passou muito tempo, mas é-me suficiente o ambiente transmitido pelos poemas. Um ou dois versos – e fazia um gesto a acompanhar –, apenas um ou dois, e é o bastante para captar a essência da coisa, o que o poema pretende, em que sentido aponta. Basta um sinal e tudo surge. *No tempo do verão, quando suave era o sol, eu tinha uma capa como a de um pastor*. Reconhece? Acho que já ninguém memoriza nada hoje em dia. Fazia parte da nossa rotina, tal como um bom violinista tem de saber de cor as partituras de Bach ou as sonatas de Beethoven. O meu orientador na Peterhouse chamava-se Chadwick e era de Aberdeen. Era um grande académico, chegara

mesmo a ser aluno do Professor Skeat. Eu nunca lhe falei de Chadwick? Passava o tempo a resmungar, mas foi ele quem primeiro me ensinou o valor da memória e como pensar nela como uma espécie de música mental; um dispositivo para lidar com iam-bos e troqueus.

O seu devaneio levava-o para fora do quotidiano, para bem longe dos cobertores e do saco de urina. Voltava aos anos 30, de regresso a Cambridge, a respirar o ar húmido dos charcos, a desfrutar a tranquilidade dos anos da sua formação universitária. Por vezes, parecia que estava a falar mais para si próprio, mas depois fazia uma pergunta direta e eu, interrompido na pequena corrente dos meus pensamentos, esforçava-me por lhe responder. Retomávamos o antigo relacionamento de aluno e professor e ele continuava a falar sempre do mesmo modo quer as minhas respostas fossem ou não exatas, quer eu confundisse Langland com Chaucer ou Chaucer com Langland. Uma hora passava num instante e nesse momento ele perguntava-me se podíamos ficar por ali. Eu prometia voltar em breve.

Quando saí em direção a Central Park South, o vento tornou-se mais frio, o ar mais luminoso e os gritos da multidão mais nítidos e altos. Uma longa fila de atletas ia cortando a meta um após o outro. Como a Rua 59 estava cortada, desci até à 57 e subi pelo outro lado até à Broadway. A estação de Columbus Circle estava apinhada de gente, pelo que tive de ir a pé até ao Lincoln Center para apanhar o metro na paragem seguinte, já na zona alta da cidade. Na Rua 62 tive a companhia de um homem de patilhas grisalhas que levava consigo um saco de plástico com uma etiqueta e estava visivelmente exausto, ao ponto de coxear das pernas ligeiramente arqueadas. Estava de calções, colãs pretos e um anoraque azul de mangas compridas. Pela aparência, supus que devia ser mexicano ou da América Central. Caminhámos em silêncio durante algum tempo sem termos intenção de estar a caminhar juntos, mas, descobrindo que íamos ao mesmo ritmo e na mesma direção, acabei por lhe perguntar se tinha terminado a corrida e quando ele fez que sim com a cabeça e sorriu, felicitei-o.

Mas a seguir pensei que depois de ter corrido 42,195 quilômetros, estava ali agora muito simplesmente a levantar o seu saco para voltar a casa. Não havia amigos nem família à espera para festejarem o seu feito e eu fiquei com pena dele. Falando de novo e dissipando esse pensamento na minha cabeça, perguntei-lhe se a corrida tinha sido boa. Sim, disse ele, foi boa, as condições eram as ideais para correr, não estava demasiado calor. Tinha um rosto simpático, talvez já um pouco gasto, e devia ter entre quarenta e cinco e cinquenta anos. Fomos caminhando mais algum tempo ao longo de dois ou três quarteirões e pontuando os nossos silêncios com frases de ocasião acerca do clima e das pessoas.

No cruzamento em frente da ópera, despedi-me dele e comecei depois a andar mais depressa. Imaginei os seus passos como se andassem para trás enquanto eu prosseguia o meu caminho e presentia no seu corpo franzino uma vitória que ninguém, exceto ele, podia reconhecer. Eu tive problemas nos pulmões em criança e nunca fui capaz de correr muito, mas tenho uma compreensão instintiva pelo último sopro de energia que os maratonistas conseguem por volta do quilómetro quarenta, já muito perto da meta. Mais misterioso é o que lhes dá força para continuar quando chegam ao quilómetro trinta, ao trinta e dois e ao trinta e quatro. Os níveis de acetona estão já a um nível tal que as pernas deviam entrar em rigidez e a acidose devia bloquear a vontade e diminuir as funções do corpo. O primeiro homem a correr uma maratona morreu ao completá-la, o que não é de admirar: trata-se de um ato de resistência humana levado ao extremo e verdadeiramente extraordinário, apesar de tanta gente o fazer hoje em dia. E foi no momento em que me voltei para trás para procurar com o olhar o meu recente companheiro de caminhada e pensei no colapso de Fidípides que compreendi a situação com mais clareza: era eu que, não menos solitário do que ele, mas tendo feito pior uso daquela manhã, merecia pena.

Não demorei muito a chegar à loja de discos da Tower Records na esquina da Rua 66 e fiquei surpreendido por ver umas tabletas afixadas que diziam que a loja e a empresa sua proprietária

iam deixar de existir. Eu tinha estado tantas vezes naquela loja e tinha lá gastado provavelmente centenas de dólares em música que me pareceu boa ideia, nem que fosse em nome dos antigos tempos, voltar antes que as portas se fechassem de vez. Entrei, levado também pela indicação de que os preços tinham baixado em todos os artigos, embora nesse dia não estivesse particularmente interessado em comprar alguma coisa. O elevador levou-me ao segundo andar, onde é a secção de música clássica, a qual tinha mais gente do que é costume, parecendo tomada de assalto por velhos e homens de meia-idade que vestiam todos casacos castanho-claros. Os homens percorriam as filas de CD com algo parecido com a paciência de um ruminante, alguns com sacos de compras vermelhos onde iam pondo o que escolhiam, enquanto outros seguravam as caixas de plástico brilhante junto ao peito. Na aparelhagem da loja passava Purcell, um hino vibrante que logo reconheci como uma das odes para o aniversário da rainha Maria. De uma maneira geral, desagradava-me a música que costumavam pôr nas lojas de discos. Era do género de conseguir estragar o prazer de pensar em qualquer outro género musical. As lojas de discos, pensava eu, deviam ser lugares de silêncio; aí, mais do que noutra sítio qualquer, a mente precisa de estar limpa. Naquele caso, contudo, dado que reconhecera a peça, e porque era uma coisa de que gostava muito, não me importei.

O trecho seguinte, embora totalmente diferente do anterior, também o reconheci: era a abertura de *A Canção da Terra*, a sinfonia tardia de Mahler. Voltei às minhas buscas, passando de um a outro expositor, da reedição das sinfonias de Chostakovitch tocadas por orquestras regionais soviéticas há muito esquecidas aos recitais de Chopin por segundos classificados do Concurso Van Cliburn, todos de cara muito fresca e lavada, e sempre com o sentimento de que as baixas de preços nunca faziam aparecer nada de interesse e podiam mesmo fazer perder o prazer de adquirir música, e depois comecei a integrar em mim os sons em fundo e a entrar nas estranhas matizes do seu mundo. Aconteceu de forma subliminar e não demorei muito a ficar em êxtase e num estado

que me transportava para uma espécie de trevas íntimas. Continuei neste arrebatamento enquanto ia de uma fila de CD a outra, passando os dedos pelas caixas de plástico, pelas revistas e pelas pautas de música, ao mesmo tempo que ouvia os movimentos da «chinesice vienense» a sucederem-se uns aos outros. Ao ouvir a voz de Christa Ludwig no segundo andamento, uma canção sobre a solidão do outono, reconheci a gravação como sendo a famosa interpretação de 1964, com Otto Klemperer a dirigir. A consciência disso veio acompanhada de outra: tudo o que eu tinha agora a fazer era esperar que surgisse o núcleo emocional da obra, que Mahler colocou no movimento final da sinfonia. Sentei-me num dos bancos duros junto aos pontos de escuta, deixei-me arrastar pelo devaneio e segui Mahler através da embriaguez, do desejo ardente e da grandiloquência, da juventude (com o seu declínio) e da beleza (com o seu declínio). Depois chegou o movimento final, «*Der Abschied*», o adeus, e Mahler, no sítio onde habitualmente escrevia os andamentos, anotou *schwer*, difícil.

O canto dos pássaros e a beleza, os lamentos e a exuberância festiva dos movimentos anteriores, tudo tinha de ser suplantado por um tom diferente, um tom mais forte e seguro. Era como se a intensidade das luzes tivesse entrado, sem aviso, pelos meus olhos dentro. Era absolutamente impossível, naquele local, apreender a música na sua totalidade. Pus a pequena pilha de discos que tinha na mão em cima da banca mais próxima e saí. Consegui apanhar o comboio para a zona alta da cidade mesmo quando as portas se estavam a fechar. Por esta altura já a multidão da maratona tinha diminuído muito. Sentei-me e recostei-me no banco. A figura melódica de cinco notas de «*Der Abschied*» continuava a ecoar onde eu tinha estado, espalhando-se no ar com tal intensidade que era como se ainda estivesse dentro da loja a ouvi-la. Eu podia sentir a lenhosidade dos clarinetes, a resina dos violinos e das violas, as vibrações dos timbales e a inteligência que comandava todos os instrumentos e os conduzia interminavelmente ao longo das frases musicais. A minha memória estava ocupada em pleno e enchia-se de contentamento. O canto acompanhou-me até casa.

A música de Mahler impregnou todas as minhas atividades ao longo do dia seguinte. No hospital, as coisas mais banais adquiriam uma intensidade nova: o brilho das portas envidraçadas à entrada do Milstein Building, as marquêsas e as macas no piso zero, as pilhas com dossiês de doentes no departamento de psiquiatria, a luz que entrava pelas janelas da cafetaria, os telhados em plano inferior dos prédios da zona alta, como se a precisão da textura orquestral se tivesse transferido para o mundo das coisas visíveis e cada pormenor se tivesse tornado, de certa forma, significativo. Um dos meus pacientes sentara-se de frente para mim, de pernas cruzadas e o pé direito levantado, a remexer com os dedos dentro do sapato preto e envernizado, parecendo também fazer parte daquele intrincado mundo musical.

O Sol estava a pôr-se quando deixei o Hospital Columbia Presbyterian, dando ao céu uma cor de estanho. Apanhei o metro até à Rua 125 e, no caminho a subir para o meu bairro, sentindo-me muito menos inquieto do que noutras noites de segunda-feira, fiz um desvio e caminhei durante algum tempo por Harlem. E pude observar a atividade frenética e incessante que se vai desenrolando nos passeios: senegaleses a vender roupa, gente nova a vender CD piratas, as bancas da Nação do Islão. Havia livros de autor, *dashikis*, cartazes dos movimentos negros de libertação, paus de incenso, pequenos frascos de perfumes e óleos de essências, tambores e outras bugigangas africanas para turistas. Numa mesa encontravam-se fotografias ampliadas de execuções de afro-americanos do princípio do século XX. Junto à esquina da St. Nicholas Avenue reuniam-se motoristas de carros de aluguer, fardados de negro, a fumar cigarros e a conversar, na expectativa de mais umas horas extraordinárias. Jovens de camisolas com capuz, emblemas de uma economia informal, passavam uns aos outros mensagens e pequenas embalagens de celofane, encenando uma coreografia opaca para todos menos para eles. Um velho de cara pálida e olhos esbugalhados e amarelos que ia a passar levantou a cabeça para me saudar e eu (pensando por um instante que podia ser alguém que conhecesse de agora ou de há mais tempo,

ou que já tivesse visto, e ao mesmo tempo pondo de lado cada uma dessas ideias, e depois temendo que a velocidade destas dissociações mentais pudessem distrair os meus passos) retribuí a sua saudação silenciosa. Voltei-me para trás e vi o seu capuz negro a confundir-se com a ombreira pouco iluminada de uma porta. Na noite de Harlem, não há brancos.

Comprei pão, ovos e cervejas na loja de conveniência e, na porta a seguir, com coisas da Jamaica, caril de cabra, bananas das mais amarelas, arroz e ervilhas. Do outro lado da loja de conveniência havia uma loja de aluguer de vídeos da cadeia Blockbuster; embora nunca lá tivesse entrado, fiquei surpreendido por ver uma tabuleta a indicar que também ia fechar. Se uma loja daquelas não se conseguia aguentar numa zona densamente populosa e com tantos estudantes, isso só podia querer dizer que o modelo económico estava completamente esgotado e que as tentativas desesperadas, de que agora me recordava, levadas a cabo nos últimos tempos, tais como baixar os preços dos alugueres, lançar uma forte campanha publicitária e abolir as multas aos retardatários, não tinham surtido efeito. Pensei imediatamente na Tower Records – uma relação que não pude deixar de estabelecer, uma vez que ambas as empresas dominavam de há muito os ramos de atividade respetivos. Não que lamentasse a sorte dessas duas grandes corporações nacionais sem rosto, muito longe disso. Mas a verdade é que tinham conseguido os seus lucros e a sua fama à custa da destruição do pequeno comércio de bairro. Se ficava sensibilizado com o desaparecimento desses emblemáticos edifícios da minha paisagem mental, também me impressionavam a ligeireza e a frieza com que os mercados engolem até as empresas de maior sucesso. Negócios que pareciam sólidos não há muitos anos desapareciam no espaço de duas semanas, não mais. Fosse qual fosse o papel que tivessem tido, esse papel passou agora para outras mãos, mãos que hão de certamente sentir-se imbatíveis e que, mais tarde, serão destruídas por mudanças imprevisíveis. E os novos sobreviventes, por sua vez, também um dia serão esquecidos.

Quando me aproximava do meu prédio com os sacos na mão, vi alguém conhecido: o homem que vive no apartamento ao lado do meu. Íamos a entrar quase ao mesmo tempo e ele segurou na porta para eu passar. Eu não o conhecia muito bem, para dizer a verdade, mal o conhecia, e tive de pensar um pouco até me ocorrer o seu nome. Andava na casa dos cinquenta e tinha-se mudado há um ano. O nome veio-me à memória: Seth.

Eu tivera uma breve conversa com Seth e sua mulher, Carla, quando se mudaram, mas desde então pouco mais. Ele era assistente social reformado e cumpria agora o sonho de uma vida inteira de voltar a estudar para tirar outro curso, o de Línguas Românicas. Só o via uma ou duas vezes por mês, no exterior do prédio ou junto às caixas do correio. Carla, com quem eu tinha falado apenas duas vezes desde que se mudaram, estava também reformada; tinha sido diretora de uma escola em Brooklyn e ainda mantinham lá uma casa. Certa vez, quando eu e a minha namorada, Nadège, estávamos a passar o dia juntos, Seth bateu à minha porta para perguntar se eu estava a tocar guitarra. Quando lhe disse que não, ele explicou que estava muitas vezes à tarde em casa e que aquele ruído que saía das minhas colunas de som (devem ser as suas colunas, disse ele, embora pareça música ao vivo) o incomodava. Mas acrescentou, com genuína cordialidade na voz, que estavam fora durante os fins de semana e que tínhamos toda a liberdade para fazer o barulho que quiséssemos a partir de sexta-feira à tarde. Eu senti-me mal por isso e pedi desculpa. Depois disso, fiz um esforço para não os incomodar e a questão nunca mais se pôs.

Seth estava a segurar a porta entreaberta. Também tinha ido às compras e vinha com sacos de plástico nas mãos. Está a ficar frio, disse ele. Tinha o nariz e os lóbulos das orelhas rosados e os olhos aguados. Sim, sim, realmente está, até pensei apanhar um táxi na 125. Ele fez que sim com a cabeça e ficámos algum tempo em silêncio. Quando o elevador chegou, entrámos. Saímos no sétimo andar e, enquanto caminhávamos ao longo do corredor com os nossos sacos a restolhar, perguntei-lhe se ainda iam passar fora

os fins de semana. Ah, sim, sempre, mas agora sou só eu, Julius. A Carla morreu em junho, disse ele. Ataque de coração.

Fiquei momentaneamente aturdido, como se acabassem de me ter dito algo que não era possível. Lamento imenso, disse eu. Ele baixou a cabeça e continuámos a andar no corredor. Perguntei-lhe se tinha feito uma pausa na escola. Não, disse ele, continuei sempre. Pus-lhe a mão no ombro por um momento, voltei a dizer que lamentava muito e ele agradeceu. Parecia vagamente embaraçado por ter de lidar com a minha admiração tardia em relação a algo que não só era do seu foro pessoal, como já tinha acontecido há algum tempo. As nossas chaves retiniram e ele entrou no apartamento vinte e um, e eu no vinte e dois. Fechei a porta atrás de mim e ouvi-o fechar a sua. Não acendi a luz. Uma mulher morrerá ali mesmo, do outro lado da parede à qual eu agora me encostava e eu não tinha sabido de nada. Nada soube durante as semanas em que o marido fizera luto e nada continuava a saber quando uma vez o cumprimentei com um aceno de cabeça e auscultadores nos ouvidos ou quando dobrava a minha roupa na lavandaria enquanto ele usava a máquina de lavar. Não o conhecia suficientemente bem para lhe perguntar por Carla e nem reparara que nunca mais a tinha visto. Isto era o pior de tudo. Não reparara na sua ausência como não tinha reparado na alteração – porque deve ter havido uma alteração – que se produzira nele. Não era possível, nem mesmo agora, ir bater-lhe à porta e dar-lhe um abraço ou ter com ele uma conversa mais longa. Seria uma intimidade sempre fictícia.

Acendi finalmente a luz e comecei a andar de um lado para o outro no meu apartamento. Imaginei Seth atarefado com os trabalhos de casa de francês e espanhol, a conjugar verbos, a fazer exercícios de composição. Quando estava a guardar as compras da loja de conveniência, tentei lembrar-me quando, exatamente, ele me tinha ido bater à porta a perguntar se eu tocava guitarra. E acabei por contentar-me por ter sido antes, e não depois, da morte da mulher. Senti um certo alívio, que deu quase imediatamente lugar a uma sensação de vergonha. Mas mesmo este último sentimento se desvaneceu; demasiado depressa, agora que penso nisso.